

**ESTUDO FILOLÓGICO E COMPARATIVO  
DE CARTAS RÉGIAS SETECENTISTAS**

*Kênia Maria Correa da Silva* (UFMT)

kenya\_maria@hotmail.com

*Elias Alves de Andrade* (UFMT)

[elias@cpd.ufmt.br](mailto:elias@cpd.ufmt.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo o estudo filológico e comparativo de duas cartas régias manuscritas setecentistas. A 1ª via datada de 6 de outubro de 1740 e a 2ª via de 26 de outubro de 1740, ambas escritas em Lisboa pelo rei Dom João V e pertencentes ao Arquivo Público de Mato Grosso – APMT. Foram realizadas as edições fac-similar e semidiplomática, observações das variações existentes entre elas e a descrição de aspectos linguísticos referentes ao português brasileiro. Esta atividade está vinculada à área de estudos linguísticos do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGEL/UFMT e aos projetos de pesquisa “Estudo do português em manuscritos produzidos em Mato Grosso a partir do século XVII” e “Para a História do Português Brasileiro – Mato Grosso – PHPB-MT”.

**Palavras-chave:** Filologia; Edições; Cópias, Português Brasileiro.

**1. Introdução**

A filologia, em grego significa *philos*: amigo e *logia*: palavra, etimologicamente deriva do grego *philologia*, as, que significa “necessidade de falar, conversação” e do latim *philologia*, e quer dizer “amor as letras, instrução, literatura, palavrório, erudição”. Pode ser explicada também como afirma Segismundo Spina (1977, p. 61) que, “[...] do amor à palavra nasceu a ciência filológica”.

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (2009, p. 224), por sua vez, define a filologia em duas direções, uma, *lato sensu*, e outra, *stricto sensu*. A primeira, diz ser o estudo da língua em sua plenitude, linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito literário e não literário, manuscrito e impresso. Já a segunda, assegura que a filologia se concentra no texto escrito, primordialmente literário, antigo e moderno, manuscrito e impresso, para estabelecê-lo, fixá-lo e restituí-lo a sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Entretanto, ressalta-se que uma das características mais incitantes da filologia é a sua transdisciplinaridade, pois, para que se fixe o texto, são necessárias outras áreas do conhecimento, em especial as que têm impacto direto sobre a atividade do filólogo ou crítico textual, tais como a paleografia, a codicologia, a diplomática, a bibliografia material, a história, a linguística, a linguística histórica e outras que se debruçam sobre textos do passado, em conformidade com César Nardelli Cambraia (2005, p. 22-23).

Dessa forma pretende-se neste trabalho, sob o viés filológico, realizar as edições fac-similar e semidiplomática, observações das variações existentes entre as cartas e a descrição de aspectos linguísticos referentes ao português brasileiro.

### **2. Tipos de edição**

Há diversas formas de tornar um texto acessível ao público, editar um texto consiste em reproduzi-lo, segundo Segismundo Spina (1977, p. 77). A escolha de um dos tipos de edição para ser aplicado a um texto exige especial reflexão do crítico textual, pois cada uma tem características muito próprias e distintas. Por isso, dois aspectos devem ser observados: o público-alvo e a existência de edições anteriores. César Nardelli Cambraia (2005, p. 90) assegura que os tipos de reprodução ou edição diferenciam-se pelo grau de mediação do editor ou crítico textual.

Logo, a edição fac-similar e a semidiplomática apresenta um grau médio de mediação do estudioso, pois é uma tentativa de melhoramento do texto. Neste tipo de edição desdobram-se as abreviaturas e realizam-se conjecturas, dentre outras intervenções do editor. A edição que possui o maior grau de mediação do crítico é a interpretativa, afirma César Nardelli Cambraia (2005, p. 97), que esse tipo de edição é onde ocorre “[...] o grau máximo de mediação admissível”, pois o texto passa por um forte processo de uniformização gráfica para ser apresentado de forma acessível a um público amplo.

#### **2.1. Critérios de transcrição para a edição semidiplomática**

Para a edição semidiplomática, serão utilizados, com algumas adaptações, os critérios de edição estabelecidos no II Seminário para a História do Português Brasileiro, realizado no período de 10 a 15 de maio

de1998, em Campos do Jordão, São Paulo. (TOLEDO NETO & MEGALE, 1996, p. 11)

- A transcrição será conservadora, ou seja, reprodução do texto em um novo suporte material, procurando-se reproduzir na medida do possível, cada característica do modelo;
- As linhas, na edição, são enumeradas continuamente de cinco em cinco uniformizando o texto à margem direita da mancha, ou à esquerda do editor;
- As abreviaturas serão desdobradas e marcadas em itálico as partes suprimidas;
- A pontuação e a acentuação original serão mantidas;
- As fronteiras de palavras serão conservadas como no original;
- As letras maiúsculas e minúsculas serão mantidas como no original;
- As leituras por conjectura, sem probabilidade de erros, das lacunas existentes por deterioração do documento, ou por outro motivo qualquer, estão entre colchetes [ ].
- As intervenções de terceiros são indicadas entre chaves { }.
- As lacunas existentes por deterioração do documento ou dificuldade de decifração da letra ou palavra sem possibilidade de lição segura por conjectura ou inferência, serão indicadas com ilegível entre colchetes [ilegível].
- A ortografia será mantida na íntegra, não se efetuando nenhuma correção e/ou atualização gramatical;
- A assinatura será indicada por dígrafos simples < >.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Transcrição - MS 1 Fólio 1r	
IDENTIFICAÇÃO	Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
ASSUNTO	Carta do Rei de Portugal Dom João ao Governador da Capitania de São Paulo sobre diligências e as contas da real fazenda nas minas do Cuiabá.
LOCAL	Lisboa
DATA	12 de novembro de 1740
ASSINATURA	Ideógrafo

1	Dom Ioaó por gra[ç]a deDeos, Rey dePortugal, e dos Algarvez, da <i>quem</i> e dalem, mar em [Af]rica, senhor de Guine. [ilegível] Faço saber a vós Governador e Cappitão General da cappitania de <i>Saó</i> Paulo, <i>que</i> vendosse aconta que medeu oProvedor, e Intendente de Minha real
5	fazenda das Minas do Cuyabá na carta de <i>que</i> com esta se vos= remete acopea assignada pello secretario domeuConcelho Ultra Marino/ OOuvidor geral das dittas Minas Ioaó <i>Gonçalves</i> Pereyra persuadir á o Meirinho daquella Ouvedoria a <i>que</i> naó fizesse as= delligencias de Meu Serviço, recomendadas pello Mesmo Inten=
10	dente. Me pareceu ordenar vos informéis com vosso parecer <i>Sobre</i> esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso <i>Senhor</i> omandou pelo <i>Doutor</i> Thome Gomes Moreyra e Martinho deMendonça de Pinna e de Proença, Concelheyros doSeu Concelho Ultramarino; ese passou por duas vias Theodoro
15	deAbreu Bernardez a fez em lisboa occidental doze de Novembro de Mil Sette centos e quarenta OSecretario <i>Manuel</i> Caetano Lopes deCrauze afez [ilegível] <TomeGomes [ilegível]>
20	<Manuel deMendonca [ilegível]> {1ª Via} {2 0}



Transcrição - MS 2 Fólio 1r	
IDENTIFICAÇÃO	Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
ASSUNTO	Carta do Rei de Portugal Dom João ao Governador da Capitania de São Paulo sobre diligências e as contas da real fazenda nas minas do Cuiabá.
LOCAL	Lisboa
DATA	12 de novembro de 1740
ASSINATURA	Ideógrafo

1	Dom Ioaó por gra[ç]a deDeos, Rey dePortugal, e dos Algarvez,
	da quem e dalem, mar em [Af]rica, senhor de Guiné. [ilegível] Faço saber
	a vós Governador, e Cappitaó General da cappitania de Saó Paulo,
	que vendosse aconta que medeo oProvedor, e Intendente de
5	Minha real fazenda das Minas do Cuyabá na carta de que com esta
	Se vos remete acopia asignada pello Secretario demeucancelho
	Ultramarino/ Oouvidor geral das dittas Minas Ioaó Gonçalves Pereira
	persuadir á o Meyrinho daquella Ouvedoria a que naó fizesse
	as delligencias de Meu serviço, recomendadas pello Mesmo In=
10	tendente. Me pareceu ordenar vos informeis com vosso parecer
	Sobre esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso
	Senhor omandou pelo Doutor Thome Gomes Moreyra e Marti=
	nho de Mendonça de Pinna, e de Proença, Concelheyros doseu
	Concelho Ultramarino; e sepassou por duas vias Theodoro deAbreu
15	Bernardez a fez em lisboa occidental adoze de Novembro
	de Mil Sette centos e quarenta.
	O Secretario ManuelCaetano Lopes deCrauze afez [ilegível]
	<TomeGomes [ilegível]>
20	<Manuel deMendonca [ilegível]>

{1ª Via}

{20}

### 3. Comentários paleográficos

O termo paleografia etimologicamente deriva do grego *palaio*, antigo e *graphien*, escrita. Desse modo, é definida como a ciência que estuda as escritas antigas, segundo Madalena Marques Dias e Vanessa dos Santos Bodstein Bivar (2005, p. 12).

Para Segismundo Spina, (1977, p. 18) a paleografia é uma ciência que estuda as antigas escritas e a evolução dos tipos caligráficos em material mole, isto é, em papiro, pergaminho ou papel.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Por sua vez Vera Lúcia Costa Acioli (2003, p. 5) afirma que a paleografia é uma forma de análise de documentos históricos. Ao paleógrafo não cabe apenas ler textos antigos, a ele compete ler, entender, datá-los, identificar sua origem e procedência, sua autenticidade, anotar os erros para fixá-lo e, assim, servir de subsídio para outras ciências que tenham o texto escrito como objeto de estudo. A autora diz, ainda, que o termo “antiguidade” não deve ser compreendido apenas no âmbito da escrita usada no Egito, Ásia e Grécia, mas no sentido de dificuldade de leitura. Pelo fato da escrita antiga apresentar caracteres diferentes dos da escrita atual.

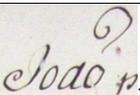
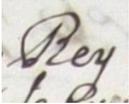
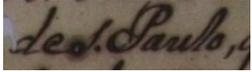
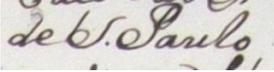
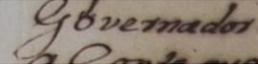
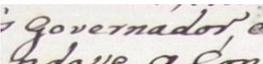
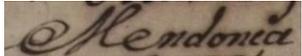
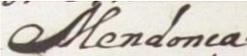
Dessa forma as cartas régias estudadas neste trabalho são datadas de doze de novembro de 1740 e escritas em Lisboa Ocidental, denominação usada por ser a capital mais a ocidente do continente europeu, Portugal. Trata-se de um texto, ideógrafo, escrito de forma corrida com margem esquerda e margem direita curtas. É um *quaterno*, ou seja, um caderno, constituído por um *recto* e um verso escritos e outro *recto* e verso em brancos e não possui parágrafos.

O texto é bem cuidado, com tipo de letra cursiva encadeada, traçada no âmbito da palavra, o escriba ou amanuense é bem instruído, ou seja, é detentor de certo grau de instrução, ou foi “treinado” para escrever, pois a escrita em papel pautado apresenta respeito às margens, homogeneidade e regularidade das letras quanto ao traçado, *ductus*, sem borrões ou rasuras, ordem de sucessão e sentido de seus traços, ângulo relação entre seus traços verticais e a pauta horizontal, módulo sua dimensão em relação à pauta e o peso, a relação entre seus traços finos e grossos.

A escrita, nos documentos manuscritos do século XVIII é classificada, na história da escrita, como Humanística ou Humanista Italiana, aponta Vera Lúcia Costa Acioli (1994, p. 40),

A escrita humanística foi usada a partir do século XV pelos renascentistas (daí a denominação), quando resolveram reagir contra a escrita Gótica, em fase de decadência e com letras quase irreconhecíveis em comparação com as originais. Na verdade, não passa de uma transcrição, ou melhor, de uma imitação da escrita Carolina, sendo de fácil leitura. O seu uso iniciou-se em Florença, por isso ela também é conhecida como Itálica. É bem traçada, sendo arredondada as suas formas, tendo-se disseminado por toda Europa e sido adotada pela Cúria Romana. É uma escrita minúscula persistindo, contudo, o uso de maiúsculas capitais nos inícios de textos ou de parágrafos.

Como pode ser visto nos exemplos abaixo:

MS 1	MS 2
	 <Dom>
	 <João>
	 <Rey>
	 <deS. Paulo>
	 <Governador>
	 <Mendonça>

Nestas cartas os próprios manuscritos indicam quem as escreveu, o escriba era Theodoro de Abreu Bernardez, oficial da Secretaria do Conselho Ultramarino.

*Conselho Ultramarino; ese passou em duas vias Theodoro de Abreu Bernardez a fez em lisboa occidental doze de Novembro de Mil Sette centos e quarenta*

(MS 1, 14-16)

Provavelmente se trata do mesmo escriba nas duas cartas, pois a grafia é muito parecida, o mesmo possui mãos hábeis, tratando-se possivelmente de pessoa letrada, submetido à instrução formal e utilizava-se do português culto daquele período, pois se trata de carta real, portanto um documento oficial da monarquia.

Nos manuscritos, sob análise, a 1<sup>o</sup> e a 2<sup>o</sup> via, possivelmente foram escritas concomitantemente. De acordo com Silvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale (1996, p. 11), o documento original ou 1<sup>a</sup> via comparece, por vezes, ao lado da cópia e, com frequência, a indicação de ser 1<sup>a</sup> ou 2<sup>a</sup> via ou simplesmente cópia está feita pelo mesmo punho que lavrou o documento ou por outro.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Na 1ª via possivelmente há uma escrita mais bem cuidada, com rebuscamentos as letras são bem escritas e possuem mais arabescos, é mais sofisticada, também se observa algum excesso de tinta já na 2ª via aparenta um traçado mais rápido por isso, menos aprimorado.

**4. Variantes do sistema braquigráfico – abreviaturas**

Neste *corpus* encontraram-se oito abreviaturas no total, quatro na 1ª via e uma na 2ª via. Foram utilizadas possivelmente devido a rapidez ou descuido na leitura, na escrita e no processo de cópia, economia do papel, da matéria *scriptoria*, estilo do copista, dentre outros. As abreviaturas encontradas são classificadas como sendo síncope com letras sobreposta, ou seja, a supressão de elementos gráficos no interior da palavra. Segismundo Spina (1977, p. 46) assegura que essa abreviatura, quando fixa apenas as letras inicial e final, torna difícil a identificação do vocábulo, então se conservam letras intermediárias chamadas *características*.

MS 1	MS 2
• Ultra° (6)	Ultramarino (6)
• pl° (9)	pello (9)
• S <sup>z</sup> (12)	Senhor (12)
• Ultramarino (14)	Ultr° (14)

**4.1. Sinais estigmológicos**

**Pontuação:** Foram utilizadas vírgulas nestes dois exemplos no MS 1 mas no MS 2 não foram grafadas.

MS 1	MS 2
Deos,Rey	Deos Rey
S. Paulo, que vendosse	S. Paulo / q vendosse

**Separação vocabular:** As fronteiras de palavras foram alteradas no MS 1 e no MS 2.

MS 1	MS 2
Se vos = / remete	Se vos remete
as = / delligencias	as delligencias
Inten = / dente	In= / tendente
Martinho	Marti= / nho

#### 4.2. Variantes Ortográficas

MS 1	MS 2
me deu (4)	me deo (4)
acopea (6)	acopia (6)
Pereyra (7)	Pereira (7)
Meirinho (8)	Meyrinho (8)

Afirma César Nardelli Cambraia (2005, p. 71) sobre o estilo do escriba, que “[...] o elemento-chave da produção do livro manuscrito é certamente o copista”. Pois é através deste que podemos captar possíveis variações e mudanças ocorridas na língua diacronicamente.

A respeito das variações encontradas neste *corpus* afirma Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (2009, p. 10), que a variação ortográfica pode revelar possíveis indícios de traços de oralidade e de traços de língua antiga preservados no português brasileiro atual, devido ao estado de dúvida em que se encontravam os escrivães daquela época e a ausência de uma norma ortográfica fixa para a escrita.

Exemplos: me deu (MS 1) e me deo (MS 2) e acopea (MS 1) e acopia (MS 2)

Uso de *i > y* era recorrente e deve-se tal uso a influência do período pseudoetimológico da ortografia da língua portuguesa segundo Coutinho (1981, p. 76).

#### 5. A cópia

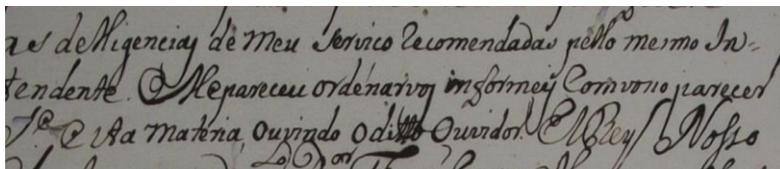
O *corpus* utilizado neste trabalho é a carta régia, segundo Heloísa Liberalli Belloto (2002, p. 54), é “[...] documento diplomático, dispositivo normativo, descendente”. É uma ordem real, dirigida a uma determinada autoridade ou pessoa e iniciada pelo nome dela. É expedida imediatamente pelo soberano e por ele assinada como Rei (Rainha ou Príncipe Regente) ou por membros de seu conselho.

É composta por três características básicas: (i) o protocolo inicial “Eu El-Rei vos envio muito saudar” ou então “amigo, Eu El-Rei vos envio muito saudar”, (ii) o texto comporta o objeto, a razão de ser da carta régia e (iii) o protocolo final a subscrição, Rei ou Rainha ou Príncipe Regente.



as=  
delligencias de Meu serviço, recomendadas pello Mesmo In=  
tendente. **Me pareceu** ordenar vos informeis com vosso parecer  
Sobre esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso

(MS 2, 9-11):



as delligencias de Meu serviço, recomendadas pello Mesmo In=  
tendente. **Me pareceu** ordenar vos informeis com vosso parecer  
Sobre esta materia, Ouvindo o ditto ouvidor. ElRey Nosso

Há a tendência de se localizar esse tipo de colocação pronominal, recorrente no português popular brasileiro, como sendo um fenômeno recente, originado na variedade da língua portuguesa vinda para o Brasil e aqui miscigenada com as diversas línguas indígenas e posteriormente africanas, porém através de documentos antigos como estes testemunhos do século XVIII percebe-se que tal fato já era recorrente no português europeu. Dessa forma afirma Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, (2009, p. 123), que “[...] a resistência do “mito” da conservação ou preservação de traços antigos dentre eles, do período arcaico da língua no português do Brasil, tende a ser confirmada”.

Segundo Antony Naro e Maria Marta Pereira Sherre (2007, p. 133), esse tipo de exemplo é fonte para explicar as estruturas já existentes na própria língua portuguesa vindas de Portugal nas suas variantes populares. A língua portuguesa já veio para o Brasil com suas características inapropriadamente denominadas de *crioulizantes*, que aqui floresceram por condições sociais generosas, como uma norma linguística mais branda e flexível. Criada no contexto da existência de *multilinguismo* generalizado e da aquisição do português como segunda língua. Para finalidades diacrônicas a comparação legítima é a que se estabelece entre o português brasileiro popular e o português europeu popular, eliminando a ideia de supostos mecanismos de simplificação ou de aprendizado imperfeito.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Afirma Manoel Said Ali que, (2009, p. 14) "[...] a pronúncia brasileira é diversificada da lusitana daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com o falar dos portugueses". A gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos.

Por fim, percebe-se que esse é um fenômeno linguístico muito utilizado na fala do português popular brasileiro, inclusive em formas consolidadas como em poemas do período literário modernista e músicas populares, por exemplo:

### *Pronominais*

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade, in SCHUAETZ, 1980, p. 22)

E ainda músicas populares como: “Me dá um dinheiro aí” (Homerio Ferreira. Moacyr Franco, Gravadora Copacabana, 1959, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=2\\_kXuEuJMhY](https://www.youtube.com/watch?v=2_kXuEuJMhY)) e “Me dê motivo” (Tim Maia. Álbum Tim Maia ao vivo. 1992, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=avEIJ0YUMGc>) dentre outros diversos exemplos encontrados nas falas populares brasileiras.

## 7. *Considerações finais*

Realizou-se o cotejo de duas cartas régias manuscritas do século XVIII, destacando as variantes contidas entre elas e breve comentário de suas características. A investigação de fontes escritas do passado abre caminho para a reconstrução do percurso da história da língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004, p. 70), para a história do português brasileiro.

Realizaram-se a edição fac-similar e semidiplomática, em uma edição fidedigna para servirem de subsídio para estudos futuros. Pois o

trabalho do filólogo e do crítico textual é o de restituir o documento à sua forma genuína preparando o texto para publicação. O texto oferece inúmeras possibilidades de ser estudado e contribui enormemente para diversos estudos, pois é através do trabalho filológico que se torna possível estudar as variações e mudanças da língua portuguesa e da história social brasileira.

Pode-se chegar a várias deduções partindo de diversos documentos com apenas uma via, mas a multiplicidade de cópias pode trazer interessantes revelações como visto nestes dois manuscritos, pois foram encontradas diversas alterações mesmo sendo um *corpus* pequeno.

A variação ortografia pode revelar possíveis indícios de traços de oralidade e de traços de língua antiga preservados no português brasileiro atual, devido ao estado de dúvida, variação linguística e falta de uma norma ortográfica oficial em que se encontravam os escrivães daquela época.

Existem várias discussões em relação ao critério brasileiro da colocação pronominal face ao modelo português. Acreditava-se que fosse um fenômeno linguístico surgido no português brasileiro, mas como visto nestes documentos provavelmente originou-se no português europeu e tornou-se produtivo no Brasil possivelmente devido a uma deriva linguística conservadora. Contudo a linguística moderna pede que tais fenômenos sejam revistos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Apresentação de Leonardo Dantas Silva; prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ, Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da língua portuguesa: interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita. In: \_\_\_\_\_. *Diversidade fonética no Brasil: pesquisas regionais e estudos aplicados ao ensino*. Londrina: UEL, 1997, p. 129-143.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*, 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ANDRADE, Elias Alves de; BARONAS, Roberto Leiser; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Plano de Guerra da Capitania de Mato Grosso Janeiro de 1800*. Cuiabá: Edufmt, 2011.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. de. (Org.). *Para a história do português brasileiro*, vol. I: primeiras ideias. São Paulo: Humanitas, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. *Paleografia para o período colonial*. CEDHAL, n. 11, São Paulo: Humanitas, 1986, p. 11-37.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos do século XVI ao XIX*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida. (Orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia: Ateliê, 2005.

NARO, Antony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. melh. e aum. de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Vogais do falar ribeirinho cuiabano*. 2009. Tese (de livre docência). – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHUAETZ, Jorge. *Oswald de Andrade: seleção de textos, notas e estudos biográfico, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SILVA NETO, Serafim. *Introdução à língua portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Sá de Costa, 1997.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional*. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Viúva Tavares Cardozo, 1904.